



ESTADO DE SERGIPE  
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA  
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO  
RECORTE DE JORNAIS

Correio de Sergipe • Aracaju • quarta  
01 e quinta-feira 02 de maio de 2013

**Alessandra Cavalcanti**  
alessandracaavalcanti@correiodesergipe.com

Moradores da ocupação Novo Amanhecer, no bairro 17 de Março, e do residencial Lagoa Santa, no Coqueiral, saíram às ruas na tarde de ontem em clima de protesto. Enquanto um grupo pedia casas para morar, o outro reivindicava providências para as residências que foram inundadas graças à chuva que caiu na capital nos últimos dias. Depois de percorrer ruas do Centro de Aracaju, os manifestantes se concentraram em frente à Câmara de Vereadores.

Vale lembrar que desde março passado, quando aconteceu a operação de reintegração de posse no bairro 17 de Março, mais de 800 famílias que ocupavam as casas de forma irregular receberam ordem judicial de despejo. Na ocasião, as residências passaram a ser ocupadas por seus verdadeiros donos, ou seja, aqueles que foram cadastrados pela Prefeitura Municipal de Aracaju (PMA).

O carroceiro Adriano dos Santos foi um dos que tiveram que sair das casas. De lá para cá, ele está morando com a família em um barraco de lona construído numa praça do bairro. A dona de casa Patrícia Correia vive situação semelhante. Despejada, ela e a irmã também estão acampadas em um barraco improvisado, onde tem sido comum dividir espaço com cobras e escorpiões.

“Até agora, não sabemos o que acontecerá com as nossas vidas. Sabemos que as nossas coisas estão guardadas em um galpão, mas é tudo muito interessante: enquanto os nossos móveis e objetos estão amparados, nós estamos na rua, enfrentando todo tipo de dificuldade. E o pior é que ninguém nos dá uma boa notícia. As pessoas que têm poder, esquecem que somos gente”, desabafa o carroceiro.

• **Falta de segurança**

Questionado sobre como eles têm conseguido se virar, no tocante ao período chuvoso, Adriano destaca que “a vida dele e de todos os que foram despejados tem caminhado com a força de Deus”. “Ficamos sem conseguir dormir direito à noite, porque também nos falta segurança pública. As crianças que nos acompanham nessa situação têm passado mal por causa do sol. Outras tem tido diarreia por causa da comida mal feita e da água que bebem sem saber de onde vem. É tudo muito triste”, diz.

De acordo com o representante do Novo Amanhecer, Daniel de Jesus Santos, a manifestação de ontem aconteceu como forma de chamar a atenção do poder público para um problema que está alcançando proporções gigantescas. “Precisamos resolver essa situação. As pessoas que estão debaixo daqueles barracos são gente de carne e osso. Elas estão vivendo em condições desumanas de vida. Por outro lado, há casas que sequer foram ocupadas no 17 de março. Fica difícil entender qual é a verdadeira versão das coisas”, queixa-se.

Daniel informa que aproximadamente 390 famílias e 380 crianças estão em situação de miséria absoluta. “Aproveitamos a oportunidade para pedir doações às pessoas que se sensibilizarem com a nossa causa. Estamos pedindo lona e madeira de sobras de construção, para construirmos novos barracos; alimentação, remédios e roupas também serão muito bem vindos”, ressalta Daniel. Ele acrescenta que “até o momento, nem a PMA nem o Ministério Público do Estado (MPE) e muito menos a Defensoria Pública se pronunciaram a respeito das dores de tantos pais e mães de família”.

17 DE MARÇO E COQUEIRAL  
Moradores protestam contra residências inundadas

### • Ruas intransitáveis

O presidente da Associação dos Moradores do bairro Coqueiral, José Denilson Celestino, também levou às ruas uma boa safra de queixas. Segundo ele, as 279 casas construídas e entregues à população daquele entorno foram inundadas com água da chuva. "Várias pessoas perderam tudo o que conquistaram com tanto sacrifício. Mas nada disso foi

novidade para nós, afinal de contas, na época da construção, avisamos que ali é área de lagoa e que as casas deveriam ter sido construídas num nível maior que o atual", explica.

Outra questão levantada por José Denilson diz respeito à paralisação das obras de construção de 321 casas por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). "O descaso com a nossa situação apenas mostra como o dinheiro público tem sido investido de forma irresponsável. Cerca de 50 por cento das obras daquelas casas simplesmente foram feitas e abandonadas logo em seguida", ressalta.

Para José Denilson, medidas emergenciais devem ser adotadas para evitar a invasão da água nas casas. "A princípio, precisamos de máquinas para desobstruir e promover o escoamento da área. O segundo ponto é a retomada das obras de saneamento básico, porque tudo o que foi feito já foi perdido. Vale destacar também que as ruas do Coqueiral estão intransitáveis e que algo precisa ser feito urgentemente", lamenta.

A reportagem do jornal **Correio de Sergipe** procurou a Companhia de Saneamento de Sergipe (Deso) para buscar informações sobre a retomada das obras de saneamento básico do residencial Lagoa Santa. De acordo com a assessoria de imprensa do órgão, uma equipe será enviada ao local a fim de constatar se o problema é mesmo de responsabilidade da Deso. Caso isso se confirme, as providências serão tomadas.